

DO PERFIL JORNALÍSTICO À ESCRITA BIOGRÁFICA: VIDA EM DETALHES

FROM THE JOURNALISTIC PROFILE TO THE BIOGRAPHICAL WRITING: LIFE IN DETAILS

Luis Felipe Silveira de Abreu*

André Correa da Silva de Araujo**

Alexandre Rocha da Silva***

RESUMO:

Este artigo discute o perfil jornalístico em sua relação com a escrita biográfica, propondo uma leitura cruzada dos gêneros para ampliar a compreensão do perfil. Apresentamos uma revisão da literatura a respeito do perfil, articulando-a com questões levantadas pela história e pelos aspectos formais da biografia. Nesse intercâmbio, percebemos a importância do uso do detalhe descritivo em ambos os gêneros, afirmado tanto pelo jornalismo quanto pela literatura como método para o texto acercar-se da realidade cotidiana. Desse modo, propomos aqui a enunciação do detalhe como ferramenta de enfrentamento ao problema que atravessa tanto perfis quanto biografias: “Como irei escrever uma vida?”.

PALAVRAS-CHAVE: perfil jornalístico; escrita biográfica; detalhe narrativo

ABSTRACT:

This paper discusses the journalistic profile in its relation to the biographical writing, proposing a cross-reading of those genres to broaden the understanding of the profile. We present a literature review about profiles, linking it to issues raised by historic and formal aspects of biography. In that exchange, we realized the importance of the use of descriptive detail in both genres, claimed by both journalism and literature as a me-

* Mestrando em Comunicação e Informação pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista Capes. PORTO ALEGRE, Brasil. luisf_abreu@hotmail.com

** Mestre e doutorando em Comunicação e Informação pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista Capes. PORTO ALEGRE, Brasil. andreसारaujo@gmail.com

*** Pesquisador do CNPq (bolsista produtividade), professor e vice coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. PORTO ALEGRE, Brasil. arsrocha@gmail.com

thod to approach everyday reality in text. Thus, we propose the enunciation of detail as a coping tool to the problem that crosses both profiles and biografis: “How will I write a life?”.

KEYWORDS: journalistic profile; biographical writing; narrative detail

INTRODUÇÃO:

O estudo do perfil jornalístico responde a uma lacuna teórica no campo da comunicação. A despeito de ser apontado por nomes como Tom Wolfe (1984) e Edvaldo Pereira Lima (2002) como um dos gêneros mais importantes e potentes do jornalismo moderno, o perfil encontra-se à margem. São poucos os esforços que visam sua conceituação e compreensão, fato que podemos atribuir à sua relativa juventude - ainda que suas origens sejam de difícil rastreio, autores como Vilas Boas (2003) e Weinberg (1992) apontam as décadas de 1920 e 1930 como ponto de partida para a popularização do gênero.

No Brasil, o único livro dedicado exclusivamente ao gênero é *Perfis e como escrevê-los* (VILAS BOAS, 2003). O tema aparece de forma tangencial em Sodré e Ferrari (1986), Kotscho (1986) e Vilas Boas (2002), mas como algo já dado, sem que se problematize seu estatuto. Academicamente, a busca pelo termo direciona de forma recorrente às pesquisas de Edvaldo Pereira Lima (2002), Amanda Tenório Pontes da Silva (2009, 2010), e a algumas teses esparsas que utilizam o perfil como ferramenta e não como fim, a exemplo de Elman (2008). Interessa-nos aqui um problema de outra ordem, porém: a condi o do perfil enquanto escrita biográfica. Dedicado ao registro do outro,   o gênero do jornalismo que mais defronta-se com o problema de traduzir uma existência em texto Para defrontarmos diretamente com essa questão, apresentamos uma revisão de literatura sobre o perfil, relacionando-o com aspectos da escrita biográfica.

CONCEITO E HISTÓRIA DO PERFIL

Um dos primeiros esforços de conceitua o do gênero parte de Sodré e Ferrari (1986, p. 126) em seus estudos sobre o texto da reportagem impressa. Para os autores, “perfil significa enfoque na pessoa - seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado   protagonista de uma história: sua própria vida” (p. 126). O texto do perfil   um tipo especial de narrativa, que se constrói sobre o relato de atos e ideias da personagem em questão. Esta característica o torna muito próximo de gêneros textuais como a história de vida, nos campos da Sociologia e da Antropologia, e como a biografia, nos

domínios da Literatura e da História. Para Sodré e Ferrari (1986), o perfil destaca-se dos demais gêneros da reportagem por eles citados por considerarem-no o tipo de texto que mais aposta no sujeito enquanto objeto da reportagem. O enfoque humanístico e a abordagem muitas vezes confessional conferem às matérias não apenas um diferencial estilístico: se “a humanização do relato, pois, é tanto maior quanto mais passa pelo caráter impressionista do narrador” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 15), a carga informacional aumenta na mesma medida. Seria, então, o perfil o gênero com mais potência de contato com leitor.

Na esteira deste trabalho, surgem outras definições teóricas que compõem com esta caracterização. Para Edvaldo Pereira Lima (2002, n.p.), por exemplo, “perfil [é] matéria de caráter biográfico que retrata concisamente momentos de uma vida, através de entrevistas, descrições, narrações de episódios marcantes”. Seria, portanto, um jornalismo que mira sua visão mais nos atores do que na peça, preferindo focalizar os sujeitos dos fatos (mas vale notar que essa operação não é excludente: muitas vezes a escolha do personagem a ser perfilado origina-se de sua ligação com algum acontecimento da hora).

A ocorrência do termo “vida” nas duas definições observadas ressalta este forte caráter subjetivo dos perfis. Ao transformar o outro em pauta, as matérias acabam por ter uma relação com a alteridade muito particular, tornando-se o “filão mais rico das matérias chamadas humanas” (KOTSCHO, 1995, p. 42). Sobre isto, escreve Vilas Boas:

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência dos outros, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situação do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê). (VILAS BOAS, 2003, p. 14)

Ainda de acordo com o autor, os perfis movimentam sentidos a partir da observação dos personagens enfocados. Vilas Boas frequentemente incorre em comparações entre o perfil e a fotografia, chegando a chamar o gênero de “retrato”, em relação com o *portrait* fotográfico. Para ele: “Enquanto os *portraits* expressam, necessariamente, uma fisionomia, por mais tosca, os perfis jornalísticos expressam uma trajetória, por mais sintética” (p. 19).

Tais conceituações não são impositivas: normas transcendentais que definem o que o perfil deve ser. Sua formulação advém de estudos sobre o desenvolvimento histórico e social do formato, o que permite perceber quais traços são intrínsecos ao perfil e repetem-se ao longo de sua história de publicação. Vilas Boas (2003) e Weinberg (1992) realizam este trabalho de memória e permitem-nos aqui apresentar uma concisa linha do tempo do gênero, que nos permitirá compreender com mais clareza as implicações de sua definição.

Ainda que tenha se desenvolvido junto aos demais gêneros jornalísticos e possa ser observado em publicações de até dois séculos atrás, o perfil ganhou proeminência e regularidade de publicação apenas a partir da década de 1930. Weinberg (1992) atribui essa popularização a dois repórteres, cujos trabalhos servem de matriz estilística e conceitual para o desenvolvimento posterior do gênero: Joseph Mitchell e Lincoln Barnett. Após sua contratação, em 1938, Mitchell foi o responsável por tornar a revista *The New Yorker*, fundada 13 anos antes, em uma referência na edição de perfis. Seu trabalho buscava retratar o dia a dia e a personalidade de figuras marginais: escreveu sobre os estivadores, os índios moicanos cooptados para trabalharem na indústria de aço, os trabalhadores do mercado de peixes de *Manhattan*, entre outros. Já na década de 1960, Mitchell publicaria um livro paradigmático para o gênero: *O segredo de Joe Gould* (MITCHELL, 2003), que retomava um perfil escrito por ele em 1942, sobre um mendigo nova-iorquino de pendores literários.

Já Barnett começou a trabalhar na revista *Life* em 1937, e logo também passou a chamar atenção por seus perfis. Ao contrário de Mitchell, porém, preferia tomar como objeto indivíduos de destaque na sociedade de Nova York. Celebidades, ricos e demais figuras da alta roda eram explorados por suas reportagens - dezesseis delas seriam posteriormente reunidas por Barnett no livro *Writing on life: Sixteen close-up*, de 1951.

Este desenvolvimento inicial lançou as bases não apenas da estética e da ética do perfil, mas também delimitou seu espaço de publicação: o gênero é visto quase que exclusivamente em revistas, em especial naquelas de periodicidade mensal, à maneira das já citadas *Life* e *The New Yorker*. Outros veículos nestes moldes, como a *Esquire* e a *Harper's* cimentaram esta tradição ao longo das décadas seguintes, entre 1950 e 1970, período tido como o mais fértil para o desenvolvimento e destaque das matérias de viés humanista. Vilas Boas descreve o espírito da época e a mentalidade que guiava essa produção:

O importante era a pessoa (...) Esperava-se que a matéria lançasse luzes sobre o comportamento, os valores, a visão de mundo e os episódios da história das pessoas, para que suas ações pudessem ser compreendidas num contexto maior que o de uma simples notícia descartável. (VILAS BOAS, 2003, p. 22)

Tal concepção seguiu sendo tomada como norte da produção de perfis jornalísticos até os anos 1960. A década viu o surgimento de um novo tipo de redação jornalística nos Estados Unidos, em uma tendência que ficou conhecida como Novo Jornalismo. O termo referia-se a extensas reportagens, escritas utilizando técnicas próprias da ficção, tais como uso de pontos de vista e fluxo de consciência. Um dos expoentes do movimento e principal responsável por sua formulação conceitual e crítica, Tom Wolfe (2005) aponta uma matéria de Gay Talese como o texto que primeiramente apontou para as possibilidades abertas pelo estilo: o perfil do boxeador Joe Louis, publicado pela *Esquire* em 1962. Lima (2002) e Weinberg (1992) destacam o trabalho posterior de Talese como paradigma para o gênero. A reportagem Frank Sinatra está esfriado, capa da *Esquire* em 1966 e posteriormente publicado em Fama e anonimato (TALESE, 2004), é considerada pelos autores como peça exemplar daquilo que passou a caracterizar os perfis: “É um típico perfil dos tempos em que o jornalismo era enriquecido com recursos da literatura de ficção” (VILAS BOAS, 2003, p. 27).

No Brasil, em época análoga, o perfil também ganha prestígio nas revistas jornalísticas, como a *Manchete* e, sobretudo, a *Realidade*. Esta última, atenta Vilas Boas (2003), apresentava o estado da arte do gênero, ajudando a moldar os princípios do perfil a partir de textos de repórteres como José Hamilton Ribeiro, Luiz Fernando Mercadante e Roberto Freire. Instados a “conduzir diálogos verdadeiramente interativos a fim de humanizar ao máximo a matéria” (VILAS BOAS, 2003, p. 25), os textos abordavam de celebridades como Roberto Carlos até anônimos soldados na Guerra do Vietnã. Mais recentemente, a tradição do perfil parece ter perdido parte de sua força, abandonando a condição de protagonismo na reportagem impressa. Ainda assim, determinados esforços individuais ainda permitem a circulação de reportagens do gênero. Nos EUA, Weinberg (1992) destaca o trabalho de Walt Harrington, do jornal *Washington Post*, e de Madeleine Blais, do *Miami Herald*. Seu texto, porém, é datado. Após sua publicação, na década de 1990, outros repórteres notabilizaram-se pela produção de matérias focadas em personagens. Entre os mais bem-sucedidos encontra-se David Remnick, editor-chefe da *The New Yorker* desde 1998. Na tradição da revista que comanda, Remnick se notabilizou por seus perfis das mais variadas figuras, escrevendo sobre personagens como

Mike Tyson, Tony Blair e Philip Roth - alguns de seus textos foram reunidos na coletânea *Dentro da floresta* (REMNICK, 2006).

No Brasil, o vácuo pós-fim da *Realidade*, encerrada em 1976, não chegou a ser preenchido por nenhum veículo em particular até 2006, com a criação da *piauí*¹, como aponta Werneck (2010). A revista, criada aos moldes da *New Yorker*, “queria oferecer ao leitor, todos os meses, matérias alentadas, cuja leitura, à prova de turbulências, exige mais do que os quarenta minutos de um voo na ponte aérea Rio-São Paulo” (WERNECK, 2010, p. 292). Os textos longos e apurados ao longo de meses dão possibilidades aos perfis florescerem: a revista paulista especializou-se em perfis de personagens vultuosos do cenário nacional na atualidade, como os políticos Dilma Rousseff, Marina Silva e Fernando Henrique Cardoso. Jornalistas como João Moreira Salles, Consuelo Dieguez, Daniela Pinheiro e Luiz Maklouf Carvalho representam a linha de frente da produção do gênero no veículo: os quatro são autores dos textos reunidos na única coletânea de perfis da *piauí* editada até hoje, *Vultos da República* (WERNECK, 2010).

O DETALHE NO PERFIL

No que toca à forma, as definições do perfil também são esparsas. De acordo com Sodr e e Ferrari (1986), ele pode dividir-se em tr es formas distintas: a transcri ao literal da entrevista com a fonte, formato conhecido como *ping-pong* no jargão jornalístico; um texto em discurso indireto, enunciado pelo repórter e contendo somente a voz deste, com impressões do encontro com a personagem em questão; e uma espécie de híbrido destas duas formas, com a narra ao mesclando as percep oes do jornalista (ainda que ela não se apresente em primeira pessoa) com as falas do enfocado. Assim como Werneck (2010) e Vilas Boas (2003), não consideraremos entrevistas enquanto perfis, por dispensarem a construçao narrativa e constituírem um gênero outro. Já o segundo tipo apontando pelos autores   menos comum, e também não nos parece adequado   nomenclatura de perfil. Ater-nos-emos, portanto, ao formato terceiro: uma reportagem em texto corrido, contendo descri oes, transcri oes de diálogos e, por vezes, apartes reflexivos.

Sobre este último modelo, Sodr e e Ferrari (1986) escrevem: “Trazendo a experiência para o presente, o texto intensifica a impressão de realidade, ao mesmo tempo em que compartilha com o leitor a descoberta do caráter do entrevistado” (p. 131). Realizando semelhante esforço de categoriza ao, mas trabalhando no nível do conteúdo, Kotscho

(1995) distingue algumas abordagens diferentes sobre o perfil. Há o tipo mais comum, textos que buscam lançar luz sobre alguma celebridade. Outra vertente, contrária a esta, diz respeito a perfis de figuras desconhecidas do grande público, que se tornam pauta por alguma peculiaridade. O autor também destaca os perfis póstumos, análogos aos obituários, e os perfis que surgem em meio a uma reportagem maior, devido ao destaque de algum indivíduo nos fatos da narrativa. Este último tipo também é lembrado por Sodré e Ferrari (1986), sob o nome de miniperfil: “(...) os personagens são secundários: o relato é interrompido para dar lugar a um enfoque rápido sobre eles, sob forma narrativa ou de curta entrevista” (p. 139).

Em todas essas abordagens destaca-se o uso do detalhe enquanto ferramenta narrativa. A importância do elemento descritivo é uma espécie de mantra das reflexões sobre o estilo jornalístico. Wolfe (2005) cita o registro de gestos, hábitos, gostos e estilos, além de demais miudezas, como um dos pilares da escrita não-ficcional do Novo Jornalismo². Para o escritor (p. 55), a catalogação destes elementos cotidianos e sua justaposição, na reportagem, com fatos de maior impacto são “simbólicos, em geral, do status de vida das pessoas (...) (do) padrão de comportamento e poses por meio do qual a pessoa expressa sua posição no mundo” (grifo do autor). Tal recurso estético passaria a ser considerado de vital importância para a reportagem impressa, como considera Lima (2005). O autor assim define os elementos descritivos do texto jornalístico:

A descrição é como um corte na dinâmica narrativa. Em lugar de focar a ação, interrompe-a momentaneamente para ilustrar características físicas e particulares de pessoas, ambientes e objetos. Serve ao propósito de iluminar os personagens de um acontecimento, o lugar onde se dá, os artefatos ali presentes (LIMA, 2005, n.p.)

Se representa um importante elemento comunicativo na reportagem, de modo geral, o registro de detalhes que compõem cenas e destacam a aparência e/ou personalidade das personagens adquire dimensão ainda maior dentro do perfil jornalístico. Nas matérias do gênero, a profusão de trechos descritivos é mais perceptível e assume protagonismo - se Lima (2005) recomenda seu uso para dinamizar a narrativa, o perfil torna estas passagens a própria tônica do texto. Tomemos como exemplo a já citada coletânea *Vultos da República*. Ao comentar os perfis nela presentes, Werneck (2010) atenta para sua capacidade de observação. Se aborda figuras de larga inserção midiática, como José Dirceu, estas reportagens fazem-no a partir do realce de pequenos elementos que escapam ao estereótipo da imagem pública. No caso de Dirceu, o caso é

sua vaidade, com a descrição de sua *nécessaire* de cosméticos; já na matéria sobre José Serra, descreve-se o político ainda jovem, quando era tido pelos amigos como um galã afeito a conquistar suas pretendentes cantando Nat King Cole. Tais elementos seriam, segundo Werneck (2010), a principal característica do perfil, responsável pela imersão do leitor no universo das figuras abordadas. A reflexão de Vilas Boas (2003) segue no mesmo sentido, aprofundando a reflexão. Para ele, o perfil vale-se, mais do que qualquer outro texto jornalístico, do poder de observação do repórter e sua capacidade de transformar estes elementos não-verbais em texto. O recurso, para ele, é utilizado de forma a *exprimir* de forma mais acurada e completa o sujeito sobre o qual escreve-se:

O fato de os atos e as reações de uma personagem deixarem transparecer, ainda que de maneira fluida, as suas características, tem uma enorme importância na estruturação de um perfil. É a possibilidade de descrever uma pessoa contando o que ela faz e como faz, permitindo a incorporação num texto descritivo de trechos narrativos. São recursos consideráveis (VILAS BOAS, 2003, p. 29)

A deflagrada presença deste elemento estilístico no perfil, especificamente, e na reportagem, de forma geral, derivaria da tradição literária realista, em especial a que decorre do trabalho de Honoré de Balzac. Wolfe (2005) retoma uma cena do romance *A prima Bette* (BALZAC, 1952), em que Balzac descreve a mobília de um cômodo. Sem usar um único adjetivo endereçado aos donos do quarto, o romancista os descreve com precisão, afirma Wolfe, através do uso de detalhes como o estofamento dos móveis:

Balzac vai empilhando esses detalhes tão impiedosamente e, ao mesmo tempo, tão meticulosamente (...) que dispara as lembranças que o leitor possui seu próprio status de vida, suas ambições, insegurança, prazeres, desastres mais as mil e uma pequenas humilhações e coups do status na vida cotidiana (...) (WOLFE, 2005, p. 56)

É o tipo de construção para qual o crítico literário James Wood (2012) chama atenção, abordando a mesma tradição realista que Wolfe, citando também Balzac, mas também o romancista Gustav Flaubert e o contista Anton Tchekov. Para ele, o uso dos detalhes, da forma como se dá nestes trabalhos, confere *estidade* ao texto: “Por estidade entendo qualquer detalhe que atrai para si a abstração e parece matá-la com um sopro de tangibilidade” (WOOD, 2012, p. 65). Esta tangibilidade faz-se necessária na medida em que o texto aspira à representação realista: é preciso que a abstração própria do texto seja ancorada no real pela concretude do detalhe.

Concretude e tangibilidade revelam-se aí elementos necessários, já o perfil é um texto de objeto fugidio. A ideia de retrato escancara esta questão: é um produto estático que visa a captura de uma figura móvel. É uma situação até mais instável que a da fotografia, por resultar não de um clique maquínico, mas de uma longa construção narrativa: “Mais, o perfilado não é exatamente um modelo em pose. Sua imagem não pode ser pretendida, portanto, e talvez nem se consiga que ela seja plenamente natural ou espontânea” (VILAS BOAS, p. 19). A construção do indivíduo neste tipo de matéria é, portanto, indicial - o que há de verdadeiramente humano no relato, a empatia acima descrita, está em determinados detalhes, não ao cabo do texto. Os perfis atuam como biografias suspensas em processo: sintetizam os dados da vida, focalizando em episódios específicos, congelando somente uma fração do tempo. “O que importa, na verdade, assim como no cotidiano, é o momento, o instante. Ou seja, como ele [o perfil] lê a sua vida a partir do atual” (SILVA, 2010, p. 411).

A problemática do perfil é, como observamos, escrever o outro. Mais que os dados e os fatos, as opiniões e as estatísticas, interessa-o escrever aqueles que movimentam estas circunstâncias. Esta escrita, porém, é constrangida por contingências das mais variadas ordens. Há questões do próprio jornalismo, cuja relação com a alteridade é historicamente ruidosa - os encontros com o outro ocorrem, se tanto, nas *brechas do discurso*, para usarmos o termo de Fernando Resende (2009). Concomitante a este problema, a escrita do outro defronta-se com as dificuldades impostas pela narrativa escrita. Trata-se de traduzir a vida para os termos do texto. O esforço hercúleo desta tarefa e o atrito aí perceptível nos levam a questionar a possibilidade de tal empreitada. O perfil assume-se enquanto escrita da vida, relato dos fatos de uma existência, e os recursos formais que apontamos como constitutivos do gênero são menos malabarismos estéticos do que estratégias de enfrentamento deste problema: Como irei escrever uma *vida*?

A ESCRITA BIOGRÁFICA

De modo não a responder esta pergunta, mas a compreender como ela se forma e de que modos ela vem sendo enfrentada na narrativa de não-ficção biográfica, parece-nos necessário ampliar a discussão para além dos campos do perfil e do jornalismo propriamente ditos. Dada a conclusão de que o perfil é um texto de ordem biográfica e de que esta pretensão ordena sua narrativa, apresentaremos aqui teorias que abordam a biografia³. Sendo um gênero mais antigo e estabelecido, a bibliografia a respeito é mais

extensa e complexa, abordando questões de fundo mais reflexivo, em dissonância com o “tom de manual” que perpassa os escritos sobre o perfil.

Para melhor compreender como a prática de escrever o outro surge e perdura ao longo da história da literatura, faz-se necessário aqui um breve resgate histórico. Os trabalhos mais frequentemente apontados como fundadores do gênero são os escritos do ensaísta e filósofo grego Plutarco (46 - 120) (WEINBERG, 1992; DOSSE, 2009). Seus textos - reunidos no volume *Vidas paralelas* (1991), de publicação original estimada entre os anos 96 e 98, destinavam-se a relatarem os feitos e as trajetórias de grandes figuras Greco-Romanas como Temístocles, Cícero e Marco Antônio.

O volume é sintomático para compreensão sobre qual modalidade textual foi apontada como biografia nos séculos iniciais desta atividade de escrita, no período que Dosse (2009) chama de Idade Heroica da produção biográfica. Os textos tratavam indivíduos apenas pretensamente: seu foco não era o sujeito, mas sim seu papel social, as posições que ocupou e os feitos por ele realizados. Uma biografia de Alexandre, o Grande, por exemplo, não trataria de suas relações interpessoais, mas sim de seus feitos enquanto estrategista militar. Além disto, raramente os livros tratavam de apenas uma pessoa, preferindo apresentar um painel de diversos sujeitos que tivessem tido alguma afinidade social: volumes sobre generais, sobre reis, duques, etc. (WEINBERG, 1992, p. 8).

Em meados do século XVIII, a situação começa a alterar-se e os estudos sobre o gênero são unânimes ao apontar o trabalho de James Boswell como ponto de virada da concepção biográfica. Em 1791, o advogado escocês publicou *Vida de Samuel Johnson* (BOSWELL, 2007), relato de sua amizade de mais de vinte anos com o poeta e crítico literário supracitado. Sua opção de focar a narrativa em uma só pessoa e a tentativa de esgotar a figura lançando mão de uma profusão de provas documentais (anotações do biógrafo e do biografado, cartas, diários, etc.) e da própria extensão da obra (mais de 1000 páginas na edição original) eram elementos estranhos ao fazer biográfico da época. O estilo e a estrutura provocaram estranheza, mas logo foram incorporados pelos estudiosos da época, lançando as bases do fazer biográfico que se vê hoje, como afirma Dosse (2009).

Uma das primeiras reflexões críticas modernas a respeito da biografia é realizada pela escritora Virginia Woolf (2014). No ensaio *A arte da biografia*, publicado originalmente

em 1939, ela lembra Boswell e, a partir dos trabalhos inspirados por ele, passa a questionar a constituição do gênero biográfico e sua relação ambígua com a história e o romance: seria a biografia capaz de capturar a verdade sem incorrer em ficcionalizações⁴? Uma série de questionamentos semelhantes tomaram forma ao longo do século XXI. O fenômeno, denominado por Dosse (2009) como *eclipse biográfico*, dá-se por uma alteração no regime de historicidade e pela ascensão dos estudos sociais ligados à Escola dos Annales⁵, cuja lógica é refratária à escrita da vida do modo como ela ocorria à época. Ocorre, decorrente desta reavaliação teórica dos limites biográficos, uma alteração no pacto de leitura destes textos. Se antes o acordo era referencial - esperava-se do texto uma versão fiel, cópia carbono, da vida -, a partir do século XX tal trato estiliza-se. A pedra é a questão: “Como legitimar um gênero que se debruça sobre uma existência que é forçosamente atirada ao acaso, sobre uma vida que é por si só proliferante, caótica e incerta?” (COSTA, 2010b, p. 106).

Culminando tensões que datavam já desde o século XVIII (não por coincidência o período pós-Boswell), a percepção das carências intrínsecas à escrita da vida resulta nesta crise generalizada. A partir dos anos 1900 a biografia é vista como “o local de refúgio da historieta, do relato puramente anedótico, sem outra ambição que encantar e distrair” (DOSSE, 2009, p. 181). Voltemos ao artigo de Woolf (2014), que pode ser tomado como um dos primeiros e mais representativos indícios da instalação desta crise. Para além do intuito inicial do texto (inquirir se a biografia possui status de arte ou é mero artesanato), levanta-se a questão dos limites impostos ao biógrafo pelo próprio material. A escritora lembra a obra de Lytton Strachey, que publicou na década de 1920 duas biografias sobre figuras da monarquia britânica: as rainhas Vitória e Elizabeth I. Ambas as obras e também a relação entre elas são, afirma Woolf, exemplos precisos das contingências que envolvem a escrita biográfica. O livro sobre a rainha Vitória - uma personalidade cercada por diversos registros históricos - foi um sucesso de crítica e público, sendo considerada uma biografia modelar. Já a empreitada semelhante sobre Elizabeth I, que reinou em isolamento e da qual pouco sabe-se no tocante a sua vida pessoal, foi tida como um fracasso e suscitou reações inflamadas dos intelectuais da época. Para Woolf (2014, p. 396) “o problema está na biografia em si mesma”. Dada sua necessidade de comprovação documental, o texto biográfico só funcionaria se amparado por uma vastidão de registros históricos. Diz-se que “o romancista está livre; o biógrafo está amarrado” (WOOLF, 2014, p. 390) pois sua tarefa é menos de criador do que de estoquista, responsável por catalogar e rearranjar informações prévias.

A argumentação de Woolf e seu enfoque na questão do realismo e da necessidade de comprovação factual para este tipo de escrita é uma crítica ancestral. A ela seguiram-se outras posições teóricas, mais incisivas e voltadas a atacar a própria base epistemológica do gênero. A mais conhecida e a que mais interessa-nos aqui é a discussão de Pierre Bourdieu sobre a *ilusão biográfica*, introduzida em um artigo de 1986. Iniciando a discussão no campo da Sociologia, ao questionar a validade das histórias de vida enquanto método científico, o filósofo põe em xeque a proposta primeira da biografia. O próprio conceito de *história de vida* seria errôneo, analisa Bourdieu:

Falar de história de vida é pelo menos pressupor - e isso não é pouco - que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, *Uma vida*, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história. (BOURDIEU, 1996, p. 183)

Na visão do sociólogo, tal expectativa de totalização de uma existência em narrativa é mais que uma ingenuidade: é um erro do senso comum. O recorte de uma trajetória pessoal nada de concreto poderá dizer, pois exclui as circunstâncias e o que de amiúde ocorre sem que se relacione com a grande saga transcrita, reduzida ao esquematismo de começo-meio-fim. Seria, afirma Bourdieu (1996, p. 190), como “tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações”. A ilusão estaria em crer na possibilidade de captar uma vida através do relato da trajetória de seu personagem, criando ligações entre os acontecimentos, o que dá uma forma lógica à existência - o método que constituiu a feitura das biografias desde seus primórdios.

Estas questões lembram a visão iconoclasta de Marcel Schwob (1997) a respeito das biografias. No prefácio de seu misto de romance e biografia *Vidas imaginárias* (1997), Schwob empreende uma reavaliação da escrita da vida. Partindo da colocação “A ciência histórica nos deixa na incerteza sobre os indivíduos. Ela só nos revela os pontos pelos quais eles se ligaram às ações gerais” (SCHWOB, 1997, p. 11), o escritor apresenta um ponto de vista aparentemente similar ao de Bourdieu, porém mais radical (e, vale notar, anterior: *Vidas imaginárias* foi lançado em 1896). Para ele, o problema dos biógrafos é crer que são historiadores. Sob a suposição de que poderiam extrair dos fatos o retrato fidedigno do homem que os habitou, abriram mão das verdadeiras potências do texto que compunham. Ao narrar a vida de um sujeito, a preocupação corrente seria enfocá-lo a partir de suas ideias. O caráter histórico do gênero o levaria a escrever de

modo a registrar para posteridade, aos modos mesmo de Plutarco. Schwob (1997, p. 15) propõe uma recusa a esta concepção, afirmando que “o ideal do biógrafo seria diferenciar infinitamente o aspecto de dois filósofos que tivessem inventado mais ou menos a mesma metafísica”. Para ele, não interessa o que disse Sócrates em seu cárcere. Seus protestos e suas acusações seriam feitas no mesmo tom se o condenado fosse outro filósofo da época. O que interessa é o modo como passa seus dias na prisão: o que faz.

Lembrando Boswell, Schwob (1997, p. 22) critica-o por não ter a “coragem estética de escolher”. O livro sobre Johnson é sim potente, escreve o romancista, mas excessivo. Entre as passagens importantes na visão do romancista, como a descrição dos hábitos do poeta, intrometem-se análises sobre seus trabalhos. Era preciso cortar, argumenta, e o excedente do relato é - e é este o ponto nevrálgico do texto de Schwob - o que nele buscar ancorar-se no verdadeiro: “A arte do biógrafo consiste justamente na escolha. Ele não tem que se preocupar em ser verdadeiro; deve criar dentro de um caos de traços humanos” (SCHWOB, 1997, p. 22-23). Tal caos seria o caos do atos e humores que compõem uma existência. Em contraposição a Boswell, Schwob lembra as *Brief lives* de John Aubrey, que, no século XVII biografou figuras como Thomas Hobbes, Francis Bacon e René Descartes pelo viés íntimo. Que roupas gostavam de usar, seus pratos favoritos, as preferências sexuais, etc.

Insurge-se novamente aqui a questão do detalhe. Dosse (2009) argumenta que esta biografia do comezinho é um dos sintomas da crise biográfica. Descrente da própria capacidade de relato, os biógrafos passam ao exame dos pormenores de seus objetos: “O desejo de definir com a máxima clareza os contornos do indivíduo fez a glória de uma escrita do minúsculo, do ínfimo, do aparentemente insignificante” (DOSSE, 2009, p. 69). O que há são duas formas de manejo dessa escrita mínima. A primeira já foi por nós apresentada, por meio da obsessão realista que Wolfe (2005) nutre pelo uso de detalhes balzaquianos na não-ficção. É a postura mais corrente, ligada à necessidade da impressão de verdade ao relato, também aparente em Woolf (2014, p. 399): “A biografia alargará seu escopo pendurando espelhos em cantos inesperados”. Tais espelhos, segundo a escritora, devem refletir “onde e quando viveu o homem real; que aparência tinha; se ele usava botas com cadarços ou com elástico dos lados; quem eram suas tias, seus amigos; como ele assoava o nariz (...)” (WOOLF, 2014, p. 401). Esse uso dos detalhes, tidos pela autora como “fatos autênticos”, refere-se a uma produção textual que busca contornar as deficiências biográficas reafirmando sua captura do detalhe através

da descrição minuciosa - uma visão, portanto, presa ao paradigma da representação. Um outro modo da escrita do detalhe é oposto a este. Podemos começar a abordá-lo com base em um dos aforismos do romancista estadunidense Mark Twain: “As biografias são apenas as roupas e os botões da pessoa. A vida da própria pessoa não pode ser escrita” (apud SCHMIDT, 2004, p. 134). A declaração está em consonância com Bourdieu (1986), sendo uma síntese do que representa o problema da escrita biográfica: as grandes trajetórias diacrônicas impostas a ocorrências sincrônicas, a noção de transcrição da existência, a pretensão de captura do íntimo do outro.

Já se pensarmos com Schwob (1997), a ideia é absolutamente potente. É aqui que a visão do romancista singulariza-se e repele as críticas biográficas anteriores. Bourdieu, por exemplo, se tomado sob esta perspectiva, tece sua repreensão a partir de uma constatação banal e equivocada. Afirma que tomar a vida enquanto trajetória narrativa é um reducionismo, quando para Schwob a vida é narrativa. Vida e texto não são corpos estranhos de existência paralela, que correm e cercam-se um ao outro, nunca atrevido tocar-se: estão imbricados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas reflexões que permeiam a escrita biográfica, alterando sua própria dinâmica de produção, nos auxiliam a acender luzes sobre o perfil. Ainda que tais teorias não sejam costumeiramente aproximadas ao jornalismo, no caso das reportagens que possuem o sujeito como foco o exercício pode mostrar-se revelador. Mais que perguntar-se quais as formas narrativas do gênero ou como foi seu desenvolvimento, esse entrecruzamento de perspectivas coloca em questão o próprio estatuto do perfil e as subjetividades por ele revolvidas.

A consciência dessa incapacidade para o registro gera um paradoxo, tendo em vista que o objetivo primeiro do perfil é o retrato. A ideia de *portrait* é cara aos teóricos do perfil, de Vilas Boas (2003) a Weinberg (1992), pois explicita essa necessidade de captura da existência. O que faz uma fotografia se não imprimir a matéria própria do objeto - a luz que toca seu corpo - em um suporte físico, de papel? No entanto, estes autores ignoram que é esta mesma metáfora que nos ajuda a compreender o problema: o perfil, por sua condição de texto, resulta em um erro de paralaxe - quando a imagem acessível pelo visor da câmera não é a mesma a ser capturada pelo obturador, resultando em uma distorção na foto final. O que se registra não é o que se observa, e o que se quer

enquanto apreensão de uma realidade resulta em algo diverso. Se proposições como as de Wolfe (2005) pensam um texto capaz de imprimir um efeito de verdade ao relato através de ferramentas como a descrição exaustiva, abrindo mão de confrontar o vazio que há no centro desta empreitada, parece-nos mais potente a apropriação de modos de escrita que constroem nesse vácuo, como assumiu Schwob (1997).

De volta ao aforismo de Twain: tendo em mente essa construção teórica, a frase do escritor estadunidense soa não como o diagnóstico da falência biográfica (e, por consequência, falência jornalística), mas sim como uma provocação, um desafio que, vencido, efetivará as verdadeiras potências do texto. Se tentamos escrever o sujeito, e, no processo, o indivíduo esfuma-se, somos deixados apenas com as roupas vazias atiradas ao chão. O desafio do perfil é, portanto, fazer ver estes botões e andrajos como signos próprios. No lugar de descobrir uma resposta para a questão “Como irei escrever uma vida?”, formula-se outra pergunta, que toma o lugar desta: “Que vida é possível ver a partir daquilo que é possível escrever?”.

REFERÊNCIAS

- BALZAC, Honoré de. A prima Bette. Porto Alegre: Globo, 1952.
- BARNETT, Lincoln. Writing on Life: Sixteen Close-ups. New York: William Sloane Associates, 1951.
- BOSWELL, James, Vida de Samuel Johnson. Barcelona: El Acantilado, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p.183-191.
- COSTA, Luciano Bedin da . Biografias (im)possíveis: o problema da escritura biográfica em oito atos. In: Sandra Mara Corazza (Org.). Fantasias de Escrita: filosofia, educação, literatura. Porto Alegre, 2010, p. 103-114.
- DOSSE, François. O desafio biográfico: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.
- ELMAN, Débora. Jornalismo e estilos de vida: o discurso da revista Vogue. Porto Alegre: UFRGS. 2008. 117 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13423/000644605.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2015
- KOTSCHO, Ricardo. Prática da reportagem. São Paulo: Ática, 1986.

LIMA, Edvaldo Pereira. A importância da descrição. 2005. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/147-a-importancia-da-descricao>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

LIMA, Edvaldo Pereira. Histórias de Vida em Jornalismo Literário Avançado. 2002. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/179-historias-de-vida-em-jornalismo-literario-avancado>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MITCHELL, Joseph. O segredo de Joe Gould. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PLUTARCO. Vidas paralelas. São Paulo: Editora PAUMAPE, 1991.

REMNICK, David. Dentro da floresta: perfis e outros escritos da revista The New Yorker. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/2629/1671>>. Acesso em 2 jun. 2015.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: Reflexões sobre a narrativa biográfica. História Unisinos, v.8, n.10, p.131-142, jul./dez. 2004.

SCHWOB, Marcel. Vidas imaginárias. São Paulo: Editora 34, 1997.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 403-412, jul. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/15019/14470>>. Acesso em: 15 mai. 2015

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro. Revista Eletrônica Temática, João Pessoa, p.1-11, out. 2009. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2009/Outubro/perfil_jornalismo_amanda.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2015.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TALESE, Gay. Fama e anonimato. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VILAS BOAS, Sergio. Biografias & biógrafos: Jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. Perfis e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003.

WEINBERG, Steve. Telling the untold story: how investigative reporters are changing the craft of biography. Columbia: University of Missouri Press, 1992.

WERNECK, Humberto (Org.). Vultos da República. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WERNECK, Humberto. Arte & manhas do perfil jornalístico. In: WERNECK, Humberto (Org.). Vultos da República. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOLFE, Tom. Radical Chiq & O Novo Jornalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WOOD, James. Como funciona a ficção. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WOOLF, Virginia. O valor do riso. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

NOTAS

1. *A revista redige seu nome dessa forma, a inicial em letra minúscula. Decidimos aqui respeitar a grafia original.*
2. *O autor nomeia quatro recursos chave para o estilo. Para além do uso dos detalhes descritivos, exalta o uso de uma construção cena a cena; a reprodução de diálogos na íntegra; e a transição entre pontos de vistas, com o objetivo de introduzir a voz de diversos personagens.*
3. *Ainda que existam trabalhos discutindo a respeito desta relação entre biografia e jornalismo, as razões e as particularidades deste intercâmbio não serão problematizadas aqui. Partimos do ponto pacífico de que há pontos de contato entre as áreas e o estudo de uma é fértil para a análise da outra, perspectiva permitida pelas leituras de Weinberg (1992), Vilas Boas (2002, 2003) e Dosse (2009).*
4. *Vale lembrar que um dos romances mais importantes de Woolf chama-se Orlando, uma biografia, e apresenta-se como o relato da vida de um inglês tricentenário que se transforma em mulher e varia de gênero entre masculino e feminino ao longo das décadas. Na leitura de Dosse (2009), o livro, dados seu nome e estrutura, serve também de comentário a respeito da escrita biográfica, e a ambiguidade sexual do protagonista é análoga à indefinição da biografia entre relato factual e escrita romanesca.*
5. *Movimento teórico ligado ao periódico acadêmico Annales d'histoire économique et sociale, fundado em 1929.*

Artigo recebido: 29.06.2015

Artigo aceito: 30.03.2016